

Semelhanças entre o processo de conhecimento da criança e do psicólogo durante o psicodiagnóstico

*Maria Elisabeth Montagna**

Resumo

Este artigo procura discutir alguns aspectos do raciocínio do psicólogo e da criança durante o processo de psicodiagnóstico. Pretende-se abordar os passos do raciocínio clínico do psicólogo e os passos do raciocínio da criança durante as respostas aos testes. Trata em seguida de analisar as semelhanças e diferenças entre as etapas descritas.

Palavras-chave: *psicodiagnóstico; raciocínio clínico; testes psicológicos.*

Abstract

This paper discusses some aspects of the reasoning of the psychologist and of the child during the psychodiagnosis. It approaches the steps of the psychologist's clinical reasoning and the steps of the child's reasoning during the answers to the tests. Then, it analyzes the similarities and differences between the described stages.

Keywords: *psychodiagnosis; clinical reasoning; psychological evaluation.*

O presente artigo pretende contribuir para evidenciar os processos de raciocínio subjacentes às respostas da criança ao WISC e os processos do raciocínio clínico do psicólogo no psicodiagnóstico.

* Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Professora Assistente-Mestre do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Psicologia da PUC-SP. Texto reelaborado a partir da conclusão da tese de Doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. E-mail: psicopuc@puccsp.br

Embora a posição do psicólogo e da criança sejam diversas no processo do psicodiagnóstico, as tarefas que ambos enfrentam possuem semelhanças. Tanto a criança quanto o psicólogo terão que conhecer e compreender o que se passa na situação. A criança, ao responder às questões do WISC, deverá reconhecer a informação, decodificá-la e responder de acordo com o enunciado proposto. O psicólogo deverá ser capaz de conhecer e compreender a criança para ir além da queixa formulada nas entrevistas.

A análise das respostas dadas ao WISC pelo psicólogo reflete um processo de investigação, posto que propõe uma situação delimitada e familiar, na medida em que reproduz situações que a criança enfrenta em sua vida cotidiana. A observação clínica desses processos intelectuais da criança pode conter interpretações possíveis da fala da criança indicativas de um modo de construção do conhecimento que ela faz de si mesma. Quando a criança expressa em sua linguagem um conhecimento construído, mostra como estabeleceu uma relação entre as idéias propostas pelo enunciado do subteste. Quando não responde de acordo com o esperado, essa relação não foi feita. A análise qualitativa da resposta é a interpretação da experiência da criança traduzida no conhecimento originário da resposta.

Em outras palavras, a resposta ao teste sinaliza a relação de significado que a criança estabelece com a experiência, estimulada pelas perguntas do teste. A sua resposta reflete o conhecimento por ela ativamente produzido e comunicado pela linguagem de forma organizada e cognoscível. Essa resposta ao mesmo tempo retrata a construção que a criança faz sobre as impressões que tem de si mesma, como sujeito produtor de conhecimento, e a posição que ocupa na construção dessas representações na família.

O processo da avaliação psicológica está orientado pela atitude do psicólogo. Sua finalidade é compreender e conhecer a criança inserida em seu contexto. Esse conhecimento se dá através de um processo gradual. Na análise do WISC, podemos reconhecer que o processo de conhecimento ou reconhecimento se dá simultaneamente na criança e no psicólogo. Há uma dimensão em que ambos se identificam com a tarefa em que estão colocados, que é a de conhecer e compreender o que se passa.

No WISC são propostas perguntas gerais. O processo de conhecer e de produzir a resposta, que é o produto desse conhecimento, implica a

mobilização da criança diante da circunstância do teste, para capturar, da informação dada, os aspectos mais essenciais para a elaboração da resposta. De algum modo ela deve intervir a partir do estímulo do teste ou nele próprio, para poder conhecer. As condições psicológicas permitem criar as condições intelectuais necessárias para que a criança conheça.

O psicólogo, por sua vez, encontra-se na mesma condição. Ele também deve conhecer e produzir conhecimento. É mobilizado pelo desejo de compreender e auxiliar a criança em suas dificuldades. A intervenção que o psicólogo promove se dá através de seus instrumentos e estratégias: entrevistas e testes de inteligência e personalidade, entre outros. As suas ferramentas são as referências teóricas, suas observações, seu conhecimento sobre comportamento e reflexões sobre aquilo que se passa na situação. Esta é formada por uma complexa rede de eventos observados na interação do psicólogo com a criança, entre outras, suas posturas e verbalizações e sua relação com o teste e com o psicólogo. Alguns desses acontecimentos são observáveis, mas outros não são acessíveis à observação direta devido a características do fenômeno investigado, como é o caso dos pensamentos e emoções que não são expressos.

A situação do psicodiagnóstico é sempre relacional e, portanto, o psicólogo e a criança influenciam-se mutuamente em suas interações e percepções. A interação se dá em diferentes planos: na relação da criança com o psicólogo, com o teste e com o seu conhecimento; na relação do psicólogo com a criança, na tarefa de compreender o caso e compartilhar sua compreensão com ela e com os pais.

Ambos, psicólogo e criança, estão colocados numa situação de tarefa: a criança está diante das perguntas do teste, em que predomina uma necessidade de raciocínio “objetivo”, mais lógico, no entanto, necessariamente permeado pelos aspectos afetivos e emocionais; para o psicólogo predomina a tarefa de investigação, determinada pela sua habilidade clínica, também permeada pela sua subjetividade. Os sentimentos sempre permeiam os processos de pensamento, tanto da criança quanto do psicólogo.

Através do estudo de caso, pude reconhecer processos similares de pensamento na solução dos problemas propostos para a criança e na tarefa

do psicólogo em compreendê-la. Essas relações podem ser comparadas no quadro adiante.

São utilizadas pelo psicólogo todas essas modalidades de raciocínio como especificidades do ato de conhecer: apreensão do objeto presente; identificação de objetos semelhantes da experiência anterior; analogia entre as partes constituintes de um mesmo objeto; pensamento classificatório; recorrência à teoria; dedução; prova de hipóteses; denominador comum; pistas indicativas da solução; articulação das partes entre si; exclusão das alternativas menos verossímeis em um processo de alternativas; visão simultânea de conjunto; fechamento; imagens intuitivas e *insights* (Trinca, 1983). Esse conhecimento é o produto de várias etapas. Para conhecer, é necessário ter uma abertura para o mundo, uma curiosidade, um interesse, uma inquietação. É preciso ter pelo menos uma idéia integrada e diferenciada de si mesmo, da qual a criança nem sempre tem clareza, pois está num processo de desenvolvimento e constante mudança. Além disso, a imagem da criança é uma superposição do olhar que os pais têm dela, mesclado com suas experiências e consciência de si mesma. Os aspectos subjetivos do processo de conhecimento estão relacionados com a formação da imagem que a criança constrói. Quando essa imagem é insuficiente e frágil, o raciocínio é comprometido por uma apreciação desfavorável de suas capacidades.

A inteligência deve ser compreendida de modo dinâmico, num processo de pensamento e construção de conhecimentos que se atualiza a partir da relação com o outro e do objetivo da resposta. Implica a possibilidade de a pessoa abrir-se para a experiência, percebendo e buscando informações necessárias para a compreensão do estímulo e adaptando-se de modo mais ou menos eficiente.

Em seu conjunto, esses aspectos devem entrar na análise do conceito de inteligência para resultar numa compreensão mais dinâmica e ampla, situando a produção da criança em função de suas possibilidades e de seu contexto. Inicialmente, a abertura para a experiência implica o modo como a criança dirige sua atenção para o ambiente e o percebe. Na medida em que a criança se envolve e capta o que está acontecendo à sua volta e em si mesma, pode organizar as informações e delas tornar-se consciente. Para

tal, deve discriminar o que acontece consigo mesma e estar referenciada em sua subjetividade, formando impressões mais precisas sobre a sua capacidade e sobre a expectativa dos pais. A probabilidade de perceber os eventos como a maioria das pessoas os percebe irá traduzir-se numa adaptação mais eficiente e contribuirá para o seu desenvolvimento. As impressões inadequadas que a criança forma a seu próprio respeito podem ter como conseqüência julgamentos muito severos sobre si mesma, uma desvalorização de sua capacidade de julgamento e pensamento e dificuldades de desenvolvimento e ajustamento.

Em seu desenvolvimento, a criança pauta-se em suas experiências e fundamenta suas conclusões em uma separação gradual entre as suas fantasias e os pensamentos fundamentados em evidências mais lógicas. Quando está segura, a criança pode retirar certa coerência de suas experiências e pensar de modo menos arbitrário. As respostas ao WISC permitem observar o modo de solução dos problemas e como as crianças tomam decisões e comunicam a sua resposta

A criança deve estar à vontade para envolver-se afetivamente em situações, sendo capaz de reconhecer os sentimentos expressos nas situações e responder a eles de modo que a sua percepção seja confirmada. Ela terá subsídios para discriminar situações e produzir a partir de suas percepções pessoais. O conceito de inteligência, a meu ver, deve ter como referência esses aspectos. Pode perceber, nas análises do WISC, como as situações de intensidade emocional prejudicam o raciocínio e, conseqüentemente, a solução dos problemas propostos pelos subtestes. Isso mostra o prejuízo na adaptação das crianças nas situações de aprendizagem, pois os subtestes da escala reproduzem situações de solução de problemas e tomada de decisões. As decisões e resoluções de problemas sempre constituem demandas que as crianças experimentam regularmente em sua vida diária. Abaixo segue tabela com a comparação entre as semelhanças do processo de conhecimento da criança e do psicólogo durante o psicodiagnóstico.

Modalidades do pensamento clínico	Processos da criança na resposta ao teste
1. O psicólogo busca estabelecer um contato com a criança a partir das múltiplas manifestações e impressões que a situação de interação desperta. Elas serão conhecidas no primeiro contato com a criança e o psicólogo deixa-se tocar pelas impressões e pelos afetos. No processo diagnóstico, algumas relevantes manifestações da criança são conhecidas logo no primeiro contato.	1. A criança não forma, inicialmente, uma idéia clara da situação do psicodiagnóstico. O contato inicial poderá estar permeado pelo peso da queixa, da situação escolar e familiar, de seus conflitos e angústias. A criança tem possibilidade de perceber quais são as características centrais da relação estabelecida na situação, uma vez que o campo relacional dá ênfase em que ela mostre seu jeito de ser e configure a relação com liberdade.
2. À medida que a interação se estabelece, o psicólogo vai sendo capaz de reconhecer diversas semelhanças entre as manifestações do comportamento da criança e seu significado vai se tornando conhecido. Ele é capaz de inferir, por analogia, certos padrões que se repetem com um mesmo significado. Esses aspectos vão se tornando mais familiares, e é através desses padrões que o psicólogo compreende o modo de ser característico da criança. O psicólogo busca o significado dos comportamentos que observa na criança e de sua interação com ela.	2. O foco da criança está na resposta aos problemas apresentados e nas respostas que deve dar com certa objetividade. Ela deve pensar por analogia para poder responder a questões, como, por exemplo, encontrar partes semelhantes entre conceitos, objetos e idéias. Essas analogias estão na base do seu raciocínio nas questões propostas pelo teste. Seu foco não está no conhecimento da dinâmica das relações entre o psicólogo e ela e sim nas tarefas.
3. O psicólogo tem referenciais que permitem procedimentos de categorização. Seu interesse é conhecer características semelhantes na expressão da criança, seja motora, verbal, de execução e no seu modo de interação. Essas categorias podem permitir conclusões sobre os aspectos intelectuais ou afetivos. Quando esse modo de pensamento classificatório permanece único, o psicólogo não consegue captar a singularidade do processo da criança.	3. A criança tem conhecimentos referenciais que permitem classificar em conceitos, identificar e estabelecer diferentes classes para responder aos testes.
4. O psicólogo recorre à teoria para comprovar ou rejeitar suas hipóteses, e mesmo para compreender aspectos que observa na criança.	4. A criança recorre à sua experiência anterior, às informações que armazenou e à sua capacidade de análise e crítica das situações.
5. O psicólogo deduz, a partir das observações e do material coletado, alguns significados constantes.	5. A criança usa o princípio da dedução como uma ferramenta para resolver os problemas solicitados nos diversos testes.
6. O que norteia o psicólogo são seus conhecimentos sobre possíveis diagnósticos e modos de compreensões à luz da Psicologia. Cada hipótese levantada vai gradativamente sendo aceita e confirmada ou rejeitada.	6. A criança confirma ou rejeita hipóteses como uma ferramenta ao responder a itens do teste. Sua orientação é para a tarefa, para a solução do problema proposto.
7. O psicólogo está preocupado em compreender os detalhes, observando as pistas do comportamento, do conteúdo da fala, da expressão da criança e de sua comunicação, para compreender a queixa. Para isso o psicólogo observa detalhes: frases, tom de voz, comentários, que modificam a idéia do conjunto.	7. A criança usa pistas que estão por trás da solução dos problemas propostos pelos testes para encontrar a resposta às regras dos "jogos".
8. Todo o material da expressão da criança a que o psicólogo está atento é utilizado para dar um sentido e compreensão àquilo que se passa a partir da queixa dos pais e àquilo que o psicólogo observa na expressão da criança.	8. A criança deve articular as partes da informação que colhe para solucionar os problemas propostos no teste. Seu foco é a tarefa.

9. Algumas idéias são descartadas por se mostrarem pouco plausíveis para a compreensão dos significados. Geralmente, fazem parte da ideação do psicólogo. Essas idéias passam pelo crivo de sua crítica e pela prova de hipóteses.	9. A criança usa a capacidade de criticar o seu raciocínio para excluir alternativas que não se adequam à solução do problema proposto. O excesso de crítica inibe a resposta.
10. Em alguns momentos, o psicólogo é capaz de uma apreensão intuitiva em que faz uma representação de todos os conjuntos dos dados acumulados durante o processo de investigação. A todo o momento, imagens afloram na ideação do psicólogo durante o processo de diagnóstico.	10. A criança deve ser capaz de "ver" ou antecipar o todo, para solucionar as respostas de subtestes como, por exemplo: armar objetos, ordenar histórias. O foco está na solução do problema proposto pela tarefa que é restrita, em contraste à visão simultânea do conjunto que o psicólogo forma, bem mais complexa porque envolve muitas variáveis. As imagens intuitivas da criança podem surgir, mas não são necessariamente captadas pelo psicólogo ou mesmo expressas pela criança.
11. O psicólogo vai encontrar o significado e o sentido das informações que obtém ao longo do processo de investigação, em que surge o significado do conjunto dos dados. Esse fechamento não significa uma conclusão definitiva e única da pessoa. Os fechamentos são sempre momentâneos	11. A conclusão que a criança retira de seu raciocínio é a resposta que surge como produto do seu conhecimento na solução do problema proposto pelo subteste. A sua resposta reflete a sua situação naquele momento.
12. Durante todo o atendimento, o psicólogo tem a capacidade de receber, experimentar e lidar com expressões carregadas de emoção que repercutem na sua compreensão sobre a criança e sobre todo o processo.	12. As emoções da criança permeiam seus pensamentos. Pode expressá-las quando se dá conta daquilo que se passa com ela e com a situação.

A partir desse quadro comparativo pode-se perceber as aproximações entre os processos de conhecimento envolvidos tanto no raciocínio do psicólogo como da criança. Essa análise contribui para a reflexão das particularidades desse conhecimento durante o processo do psicodiagnóstico.

REFERÊNCIAS

- MONTAGNA, M. E. (2005). *O Uso do Raciocínio Clínico na Escala Wechsler de Inteligência Infantil*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica. São Paulo: PUC.
- TRINCA, W. (1983). *Psicodiagnóstico Clínico: Novas Contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas.